



Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

ISABEL CARVALHO FRANÇA

**DOS LIVROS ÀS TELAS: OS HÁBITOS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO
LEITOR NA ERA DIGITAL**

Brasília

2025

França, Isabel Carvalho.

Dos livros às telas: os hábitos de leitura e a formação do leitor na era digital / Isabel Carvalho França ; orientação Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani. — São Sebastião, DF: 2025.

34 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras — Língua portuguesa) — Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião, São Sebastião, DF, 2025.

Orientador(a): Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani.

1. Literatura. 2. Hábitos de leitura. 3. Era digital. 4. Tecnologias. I. Mantovani, Juliana Estanislau de Ataíde, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

ISABEL CARVALHO FRANÇA

**DOS LIVROS ÀS TELAS: OS HÁBITOS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO
LEITOR NA ERA DIGITAL**

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para aprovação na disciplina.

Curso Superior de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani

Aprovado em: (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani – Orientadora

Profa. Dra. Maria Eneida Matos da Rosa

Prof. Dr. Rafael Batista de Sousa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que, assim como Fabiano e Sinhá Vitória, carregaram toda a sua força, resistência e esperança em um fardo de pano pelo sertão do Nordeste até o Cerrado de Brasília, mostrando-me, com sua história, aquilo que eu também já havia lido em um certo camalhão: para viver é preciso coragem.

Ao meu irmão que, assim como Sam e Frodo, foi meu companheiro fiel nessa longa jornada no mundo dos estudos, em que compartilhamos descobertas, ideias e aflições desde os primeiros anos escolares, passando pelos desafios do vestibular, até as adversidades da graduação.

A todos os professores que, assim como Vênus em *Os Lusíadas*, me guiaram com cuidado e atenção nessa travessia, em especial àqueles que foram substanciais para a minha formação enquanto leitora: Rafael Batista, que me ensinou a não abandonar poetas em parques; Larissa Dantas que me levou a navegar por novos mares; Priscila Vieira, que expandiu meus horizontes através da história de um jagunço; Juliana Mantovani, que me fez compreender, por meio da família Mau-Tempo, que literatura também é denúncia, e Maria Eneida, que me mostrou que, ao ler, também me torno uma detetive com uma lupinha nas mãos em busca dos rastros deixados pelo autor para poder deduzir o desenrolar da história.

À Juliana Mantovani também por ter aceitado ser minha orientadora e com tanta atenciosidade, calma e organização, me conduzir ao longo das veredas, escutando meus desassossegos pelo caminho e auxiliando a transformá-los nessa produção.

*Quem é cada um de nós se não uma combinação de experiências,
informações, livros que lemos (...). Cada vida é uma enciclopédia,
uma biblioteca.*

Italo Calvino

RESUMO

A literatura sempre foi um importante instrumento para a formação social, cultural e cognitiva dos sujeitos. Entretanto, ela nunca esteve em um lugar central na vida das pessoas. Sobretudo, na era contemporânea, observa-se que as novas tecnologias digitais oferecem um entretenimento muito mais alinhado com as exigências da sociedade moderna fundamentada no consumo rápido. Nesse sentido, o presente trabalho visa investigar como a cultura digital impacta no comportamento leitor e conseqüentemente na formação dos jovens-sujeitos. Sendo assim, a partir das discussões já levantadas por diferentes autores como Antonio Candido, Maryanne Wolf e Regina Zilberman e da análise documental da 6ª edição do levantamento *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, esta pesquisa busca refletir sobre os hábitos de leitura na era digital.

Palavras-chave: Literatura, hábitos de leitura, era digital, tecnologias.

ABSTRACT

Literature has always been an important instrument for the social, cultural and cognitive formation of subjects. However, it has never been in a central place in people's lives. Especially, in the contemporary era, it is observed that new technologies offer entertainment much more aligned with the requirements of modern society based on rapid consumption. In this sense, the present work aims to investigate how the digital culture impacts on reading behavior and consequently on the training of young subjects. Therefore, based on the discussions already raised by different authors such as Antonio Candido, Maryanne Wolf and Regina Zilberman and the documentary analysis of the 6th edition of the survey *Retratos da Leitura no Brasil*, of the Pró-Livro Institute, this research seeks to reflect on reading habits in the digital age.

Keywords: Literature, reading habits, digital age, technologies.

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 7
1. A leitura como alicerce na formação do sujeito-leitor.....	p. 9
1.1. Entre a decodificação e a interpretação.....	p. 9
1.2. Entre a ficção e a realidade.....	p. 10
1.3. Entre a leitura e a cognição.....	p. 12
1.4. Entre o livro e a lição.....	p. 13
1.5. Entre o eu e o outro.....	p. 14
2. Cultura digital e novos paradigmas.....	p. 16
2.1. Mudanças e disseminações.....	p. 17
2.2. Consumo e conectividade.....	p. 18
2.3. Conexão e dependência.....	p. 20
3. Hábitos de leitura no mundo hiperconectado.....	p. 22
3.1. Leitura em declínio: dados e determinantes.....	p. 22
3.2. Do livro à tela: consequências deste novo quadro.....	p. 25
3.3. Leitura digital: novas possibilidades de acesso e interação.....	p. 27
Considerações finais.....	p. 32
Referências bibliográficas.....	p. 34

INTRODUÇÃO

A literatura sempre ocupou um papel essencial na formação do indivíduo enquanto ser social, cultural e intelectual, além de desempenhar um papel fundamental na preservação da cultura identitária de todo o povo. Conforme afirma Cosson (2018, p. 17), “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”. Sendo assim, é através do ato de ler que o indivíduo amplia sua visão de mundo e se reconhece como um participante desse mundo. Participação essa que se dá de maneira crítica e reflexiva, visto que a leitura também desenvolve a capacidade de interpretar, analisar e questionar a realidade que cerca o leitor.

Ademais, a literatura e o comportamento leitor se moldam ao longo do tempo, pois as práticas literárias estão fortemente ligadas à época e ao contexto em que estão inseridas. No cenário hodierno, o que se observa é que estamos vivendo em uma era dominada por constantes ascensões tecnológicas, definida por Machado (2019) como cultura digital. Nesse sentido, as novas tecnologias oferecem um entretenimento instantâneo, alterando a nossa relação com o espaço e o tempo ao produzir uma lógica de satisfação imediata. Com isso, adolescentes e jovens passam grande parte do seu dia expostos às telas. Para Desmurget (2021), o tempo de adolescentes e jovens em ambientes digitais, atualmente, alcança níveis alarmantes. Dessa forma, atividades que exigem mais concentração e desconexão de redes sociais, como o hábito de ler livros, parecem ficar em segundo plano na vida das pessoas. Assim, diante desse novo panorama, surge um questionamento: qual é o espaço para a prática da leitura literária em um mundo cada vez mais imediatista e conectado? Diante dessa questão central, a presente pesquisa visa buscar respostas, através da revisão bibliográfica e análise documental, para entender como ocorre o comportamento leitor na era digital.

Dessa forma, esse trabalho organiza-se em três tópicos. A priori, parte-se do entendimento de que não é possível debater sobre hábitos de leitura, sem antes deixar evidente por que o ato de ler é essencial. Portanto, busca-se discutir as funções da literatura sob diferentes aspectos, como a experiência sensibilizada do leitor, a integração entre realidade e ficção e o livro como instrumento de aprendizado à luz dos estudos de importantes teóricos, dentre eles Rildo Cosson e Antonio Candido. Além do mais, pretende-se analisar também a relevância da literatura a partir dos estudos de Maryanne Wolf, educadora e neurocientista estadunidense, cuja abordagem evidencia a leitura como um elemento fundamental para o desenvolvimento do sistema cognitivo e da empatia.

Em seguida, a pesquisa propõe-se a contextualizar o cenário atual fundamentado na cultura digital. Nesse sentido, Machado, em sua tese “Conecto-me; logo, existo” (2019), apoiando-se em Bauman, argumenta que vivemos em uma sociedade marcada pelo capitalismo ocidental sustentado no consumismo, de modo que, a autora discute as relações entre mercado e tecnologia. De forma complementar, Wim Veen e Ben Vrakking apresentam importantes reflexões sobre a ascensão tecnológica, enquanto Haidt e Desmurget abordam sobre a presença constante de artefatos tecnológicos na vida cotidiana das pessoas.

Ademais, a terceira parte visa responder à questão central levantada, por meio da análise documental da 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2024. Os dados evidenciam um enfraquecimento do hábito de leitura, o que permite discutir a ascensão tecnológica como um fator determinante para um declínio da leitura literária à luz dos estudos de Zilberman e Reimão. Além do mais, o trabalho propõe-se a discutir, a partir das pesquisas de Haidt e Wolf, as consequências do declínio da leitura em paralelo ao uso cada vez maior de aparelhos digitais.

Por fim, o estudo busca compreender se, mesmo diante da realidade apresentada, os ambientes digitais ainda podem ser um espaço promissor para as práticas literárias, através da literatura digital. Nesse sentido, a pesquisa de campo realizada por Souza e Schlindwein em uma instituição de ensino baiana oferece possíveis caminhos para a realização da leitura digital através dos hipercontos.

1. A leitura como alicerce na formação do sujeito-leitor

Com os avanços das mídias digitais, os hábitos de leitura vêm sendo cada vez mais moldados por esta nova realidade hiperconectada. Ao passar mais tempo em frente às telas, os jovens acabam dedicando uma parcela menor do seu dia às práticas literárias. Nesse sentido, ao constatar que estamos em um cenário preocupante pelo fato de jovens não terem o hábito de realizar a leitura profunda, partimos da premissa de que ler, sobretudo as obras literárias, é essencial na formação do sujeito. Candido, no ensaio “A literatura e a formação do homem” (1999), trata da literatura como força humanizadora e não como um sistema de obras, deixando evidente o importante papel da produção literária na construção do indivíduo. Cosson (2018) propõe que todas transações humanas das sociedades letradas passam pela escrita, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, ressaltando o valor do texto escrito.

Maryanne Wolf também destaca a importância do ato de ler em sua obra *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era* (2019). Por meio de estudos neurocientíficos, ela explica os impactos da leitura no cérebro humano ressaltando que “o cérebro que faz a leitura profunda vai, de forma muito literal, fisiologicamente, em todas as direções” (Wolf, 2019, p. 46), indicando que há inúmeros processos neurais envolvidos no ato de ler. A autora também ressalta que “os processos da leitura profunda levam anos para se formar, e nós, enquanto sociedade, precisamos estar atentos para seu desenvolvimento em nossos jovens desde muito cedo” (Wolf, 2019, p. 52). Por isso, diante da crescente mudança nos hábitos de leitura entre jovens, torna-se indispensável refletir sobre o que define a leitura literária e qual é seu papel formativo, tornando-a essa força humanizadora, ressaltada por Candido e que necessita de atenção de toda a sociedade como propõe Wolf.

1.1. Entre a decodificação e a interpretação

Cosson (2018) aponta que uma simples atividade de leitura realizada na escola não é, necessariamente, uma leitura literária. Na verdade, segundo o autor, “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola” (p. 26), deixando evidente que a leitura sensível envolve mais camadas do que o senso comum pode alcançar. Nesse sentido, é importante deixar claro que a leitura literária, diferente da leitura instrumental, caracteriza-se pelo seu valor estético e artístico, envolvendo uma experiência mais profunda com o leitor e explorando seu lado subjetivo. Assim, muito além da decodificação do texto, a leitura literária exige um olhar sensível e reflexivo do leitor. Bakhtin, em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), defende que a leitura ocorre na interação entre texto, contexto

e leitor. Ele afirma que cada palavra funciona como uma mini arena na qual diferentes valores sociais se confrontam, sendo a palavra um resultado dessa interação. Dessa forma, a leitura literária apresenta-se como um processo dialógico e dinâmico, no qual o leitor participa de forma ativa para a construção do sentido da obra literária, a partir de suas vivências e valores. Koch complementa essa ideia ao tratar da leitura sobre diferentes concepções, em sua obra *Ler e compreender* (2008), dentre elas, a concepção com foco na interação autor-texto-leitor em que os autores são vistos como construtores sociais, colaborando para a multiplicidade de sentidos do texto. Ao ler um texto literário, o sujeito constrói novos conhecimentos a partir de conhecimentos já adquiridos, seja pelo seu arcabouço teórico, seja pelas suas vivências.

Wolf (2019) comunga dessa mesma perspectiva, ao afirmar que o bom leitor tem pouco a ver com seu nível de eficiência em decodificar palavras, mas sim em ir além da sabedoria do autor, para assim descobrir a própria. A educadora ainda explica que ao lermos até mesmo uma simples palavra, podemos pensar em possíveis contextos para a palavra, lembrar de algum acontecimento da infância e explorar sentimentos. Afinal, “nossas palavras contêm e ativam momentaneamente repositórios inteiros de sentidos associados, memórias e sentimentos, mesmo quando fica determinado o sentido exato num contexto dado” (Wolf, 2019, p. 44). Fica evidente que o processo de leitura literária vai além das camadas superficiais do texto, envolvendo não apenas a decodificação de signos, mas também as experiências e emoções do sujeito-leitor constituindo uma atividade sensível e dialógica.

Esse espaço de ressignificação, em que o leitor é convidado a refletir de forma crítica sobre as suas próprias experiências, contribui para uma visão mais ampla do mundo, a partir da ampliação do próprio conhecimento. Rildo Cosson (2018) afirma que a literatura é o lugar em que o corpo linguagem, o corpo palavra e o corpo escrita se encontram, permitindo que o mundo seja reconstruído pela força da palavra. Entende-se que o ato de ler um texto literário não é apenas uma ação de interpretar letras e palavras. A literatura irá exigir do leitor uma imersão na obra e uma mente ativa que, ao absorver o conteúdo, reflete sobre o texto, explora seus sentidos e busca entender para além do que está posto na narrativa literária.

1.2. Entre a ficção e a realidade

Antonio Candido, em seu ensaio “A literatura e a formação do homem” (1999), afirma que “um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura” (p. 82). O autor afirma que existe uma necessidade universal

do homem pela ficção e fantasia. Essa necessidade inicia-se na infância e acompanha o sujeito até a vida adulta independentemente do nível escolar. Assim, ele argumenta que,

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (Candido, 1999, p. 83)

Dessa forma, fica evidente que a fantasia abrange todos os indivíduos de diferentes formas. O imaginário popular sempre busca formas de explicar a realidade que cerca o ser. Assim surgem os mitos, as lendas e os contos que, de acordo com Candido (1999), misturam-se com elementos da realidade como as paisagens, fenômenos e sentimentos para explicar a razão do ser. Ou seja, há uma interseção entre o real e a fantasia, junção essa que pode ser um ponto de partida para pensar na função ficcional da literatura.

Candido propõe o seguinte questionamento: haveria pontos de contato entre a imaginação explicativa própria do cientista e a imaginação fantástica própria de artistas e escritores? Ao discutir a questão, o autor afirma que “interessado em estudar a formação do espírito científico, Gaston Bachelard procurou investigar como ele ia surgindo duma espécie de progressiva depuração, a partir da ganga imaginativa do devaneio” (1999, p. 83). Assim, o devaneio, que a princípio não tem valor, torna-se um solo comum para a reflexão crítica juntamente com a criação poética e para além disso, “uma condição primária de uma atividade espiritual legítima” (Candido, 1999, p. 83).

Para Bachelard, o devaneio poético, embora se manifeste por meio da imaginação poética, tem como ponto de partida a realidade sensível do mundo, como propõe Candido (1999). Fica evidente, portanto, que uma das funções primordiais da literatura encontra-se na integração entre a imaginação literária e a realidade concreta do mundo. Sendo assim, o universo da ficção, bem como filmes, séries, contos e mitos colaboram de maneira ativa na formação do jovem-sujeito e o livro é um mediador privilegiado nessa articulação entre o mundo real e o imaginário atuando “tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente” (Candido, 1999, p. 84).

1.3 Entre a leitura e a cognição

Maryanne Wolf, educadora e neurocientista estadunidense, ao vivenciar suas primeiras experiências com a alfabetização, passou a refletir sobre o impacto da leitura no cérebro humano. Ela desenvolveu pesquisas e escreveu livros, frutos de seus estudos, que demonstram como a capacidade de leitura molda o cérebro e influencia o desenvolvimento cognitivo. Em sua obra *O Cérebro no Mundo Digital* (2019), ela destaca que o que lemos, como lemos e por que lemos são elementos que transformam nossa maneira de pensar, enfatizando que:

A qualidade de nossa leitura não é somente um índice da qualidade de nosso pensamento, é o melhor meio que conhecemos para abrir novos caminhos na evolução cerebral de nossa espécie. Há muito em jogo no desenvolvimento do cérebro leitor e nas rápidas mudanças que caracterizam atualmente suas sucessivas evoluções. (Wolf, 2019, p. 10)

Assim, fundamentando-se nos estudos neurocientíficos, a autora ressalta a importância da leitura literária de qualidade, explicando que a neuroplasticidade do cérebro leitor, ou seja, as modificações que ocorrem no cérebro de um indivíduo que lê, é fundamental para o desenvolvimento do pensamento complexo. Afinal, segundo ela, o cérebro leitor é maleável, podendo ser influenciado por aquilo que lê, como se lê (meios usados) e como é formado (métodos de instrução). Assim, o que lemos pode formar circuitos cerebrais “cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais” (Wolf, 2019, p. 29).

Além do mais, a educadora pondera que quem lê profundamente consegue fazer uma distinção melhor daquilo que é verdadeiro ou falso e acrescentar o que sabe; em outras palavras, quem lê amplamente tem mais recursos para aplicar aquilo que já leu naquilo que está lendo, enquanto quem não lê não desenvolve essas habilidades e tem uma base menor para inferências, deduções, e pensamento analógico, se tornando uma potencial vítima de informações falsas. Assim, Wolf (2019, p. 70) conclui que os jovens que não leem “não saberão o que é que não sabem”, deixando evidente que a falta de leitura implicará na ignorância, pois como ela afirma,

Uma vez ausentes os controles e checagens proporcionados por nosso conhecimento anterior e por nossos processos analíticos, corremos o risco de digerir informações sem questionar se a qualidade ou prioridade atribuídas a elas são corretas e isentas de motivações externas e preconceitos. (2019, p. 71)

Nesse sentido, Wolf propõe que os processos cognitivos mais sofisticados utilizados pela leitura profunda, não coincidentemente, são os mesmos métodos utilizados nas ciências. Pois na ciência, para constar verdades, é necessário observações, hipóteses, predições, inferências, deduções, interpretações e assim por diante. Na leitura profunda, também há esse processo analítico, em que observações, raciocínio analógico e inferências se integram para a compreensão daquilo que é posto, porquanto, como afirma Wolf (2019), “Há tanto poesia quanto ciência no âmago da leitura” (p. 72).

Para além de um passatempo, a leitura profunda é essencial para o nosso desenvolvimento cognitivo, fornecendo uma base para sermos pessoas críticas que conseguem interpretar e analisar não apenas os livros, mas a própria realidade que nos cerca. Sermos leitores críticos é uma premissa para sermos cidadãos críticos, pois, como afirma Wolf (2019), somente ao exercitarmos constantemente nossas habilidades de análise e inferência, manteremos a capacidade de pensar de forma crítica, em vez de apenas sermos consumidores passivos das informações.

1.4. Entre o livro e a lição

A literatura, para além de todos os valores já mencionados, é também um forte instrumento de aprendizado e por isso essencial na formação de jovens. Como pondera Cosson (2018), “a literatura é plena de saberes sobre o homem e sobre o mundo” (p. 16) guardando dentro de si o presente, o passado e o futuro. Nessa direção, a prática literária funciona como uma experiência cumulativa da própria vida e a obra literária conduz o leitor a uma suspensão da realidade, permitindo-o ter uma tomada de consciência de si e da realidade na qual está inserido, como propõe Machado (2019) em sua obra “Conecto-me; logo, existo”. Nesse sentido, no ensaio “O direito à literatura” (1995), Candido pondera que “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (Candido, 1995, p. 175). Isso porque, segundo o autor, todos os valores que a sociedade defende ou condena estão presentes nas malhas da ficção. Assim, compreende-se que a literatura ocupa um papel primordial na formação social e intelectual do indivíduo. Zilberman reforça essa ideia em seu livro *A leitura e o ensino de literatura* (1988), ao ponderar que “a leitura vem a constituir-se na ponte, de trânsito universal, que faculta o acesso de qualquer pessoa ao saber” (p. 26). Nessa perspectiva, a leitura é um meio para aquisição do conhecimento, que por sua vez é um dos

requisitos para o exercício do poder e participação ativa na sociedade como propõe Zilberman (1988).

Também nessa direção, Candido, ainda no seu ensaio “A literatura e a formação do homem” (1999), pondera que a função educativa da literatura é muito mais complexa do que do ponto de vista pedagógico. Isso porque o texto literário foge aos próprios padrões da pedagogia oficial, não se submetendo às normas vigentes de grupos dominantes. Assim, “longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras” (Candido, 1999, p. 84). Ele também reforça essa ideia em “O direito à literatura” ao afirmar que a literatura “tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (Candido, 1995, p. 175).

Neste sentido, a leitura literária não age necessariamente como um manual de virtudes e boas maneiras, mas como um lugar de contradições em que a literatura demonstra uma força indiscriminada de iniciação na vida, com uma complexidade diversificada que nem sempre será desejada pelos próprios educadores, como propõe Candido (1999). O autor afirma que mesmo as obras consideradas primordiais para a formação dos indivíduos trazem aquilo que as normas sociais têm aversão. Um exemplo disso é o componente sexual muito presente nas artes e nos textos literários, elemento que conflita com os valores de uma sociedade cristã. Livros como *Ilíada* e *Os Lusíadas* são traduzidos, estudados, comentados e explicados em aula, como observa Candido (1999), mas causam até mesmo divergências entre pais e professores. Desse modo, fica evidente o papel da literatura como instrumento formador da personalidade dos jovens para além das convenções sociais, abordando também temas polêmicos, porém intrínsecos à condição humana.

1.5. Entre o eu e o outro

Marianne Wolf (2019) afirma que uma das contribuições mais significativas da leitura profunda é o ato de assumir a perspectiva e os sentimentos do outro. Segundo ela, a capacidade de se comunicar e de se sentir junto a outrem sem sair do nossos mundos particulares, retrata uma das experiências mais íntimas do ato de ler. Assim, saímos da nossa visão de mundo, muitas vezes limitada para entrar no mundo de outra pessoa e voltar expandidos como propõe a educadora, afirmando que

Dunne via o paradoxo que Proust descrevia como parte da leitura - em que há comunicação a despeito da natureza solitária do ato de ler - como uma preparação inesperada para nossos esforços por chegar a conhecer outros seres humanos, compreender o que eles sentem e começar a mudar nosso entendimento de quem é ou o que é o outro (Wolf, 2019, p. 57)

Cosson (2018) compactua da mesma ideia ao afirmar que a literatura é “a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (p. 17). Assim, ao ler um texto literário, sabemos da vida pela experiência de outra pessoa e somos convidados a viver também essa experiência ao mergulharmos nas malhas na narrativa. Dessa forma, ao assumir uma nova perspectiva, conectarmos nossa empatia com aquilo que lemos e expandimos nosso conhecimento de mundo, nos tornando mais humanos, como pondera Wolf (2019). Nesse sentido, o ato de ler, nos coloca em posição de sentir os sentimentos do outro, como pondera a educadora, afirmando que,

Podemos experimentar uma coparticipação nos inevitáveis fardos que distinguem a maior parte da existência humana, qualquer que seja a época: medo, ansiedade, solidão, enfermidade, incertezas do amor, perda e rejeição, às vezes a própria morte. (Wolf, 2019, p. 60)

Sendo assim, a literatura possui uma dimensão de imersão capaz de transcender épocas, espaços geográficos e grupos sociais. Independentemente de quem seja o leitor e de onde ele esteja situado no tempo e no espaço, ele poderá sair de si mesmo para “adentrar a consolação benfazeja da companhia de outros, fossem eles personagens ficcionais, figuras históricas ou os próprios autores” (Wolf, 2019, p. 61). Dessa forma, a leitura se apresenta como uma experiência única, capaz de ampliar o conhecimento e sobretudo a empatia ao permitir que o leitor vivencie a realidade do outro e, a partir disso, vivencie a própria vida sob uma perspectiva diferente. A esse propósito, inclusive, de acordo com Wolf, “ler nos níveis mais profundos pode proporcionar um antídoto contra a tendência a afastar-se da empatia” (Wolf, 2019, p. 56). Wolf considera que a empatia vai além do fato de ser compassivo com os outros, pois para ela a empatia diz respeito a um “conhecimento em profundidade do Outro”, qualidade primordial que a leitura profunda pode proporcionar.

Para ilustrar mais profundamente essa questão, a pesquisadora destaca que, ao lerem uma cena do romance de Liev Tolstói, *Anna Karenina*, em que a personagem Anna se joga sobre os trilhos, os leitores também se jogam:

Quem leu essa passagem no romance de Tolstói *também se jogou*. Muito provavelmente, os mesmos neurônios que você utiliza quando mexe as pernas e o tronco são ativados também quando você lê que Anna se jogou na frente do trem. Uma grande parte de seu cérebro foi ativada tanto pela empatia ante o desespero visceral da personagem, quanto pela ação motora de neurônios-espelhos interpretando esse desespero. (Wolf, 2019, p. 56)

Assim, de acordo com as demonstrações das pesquisas em neurociência, quando lemos são ativadas as áreas cerebrais que nos levam a vivenciar as experiências vividas pelos personagens. Outro exemplo dado pela pesquisadora demonstra a ativação de áreas cerebrais motoras e relacionadas ao tato quando lemos sobre movimento. Nas palavras da autora:

quando lemos sobre a saia de seda de Emma Bovary, ficam ativadas nossas áreas do tato, e quando lemos que Emma Bovary tropeça ao descer de sua carruagem para perseguir correndo Léon, seu amante jovem e inconstante, ficam ativadas áreas responsáveis pelo movimento em nosso córtex e, muito provavelmente, as que se encontram em muitas áreas afetivas. (Wolf, 2019, p. 57)

Como destaca Maryanne Wolf, esses estudos sobre o lugar da empatia e da adoção de perspectiva ainda estão se desenvolvendo na neurociência da literatura, mas é possível afirmar que durante a leitura “o cérebro simula ativamente a consciência de outra pessoa, incluindo aquelas que nunca sequer imaginaríamos conhecer” (Wolf, 2019, p. 57). A relação com o outro é, portanto, ativada constantemente no ato da leitura, o que auxilia no desenvolvimento da empatia, característica que cada vez mais não pode ser negligenciada na sociedade contemporânea.

2. Cultura digital e novos paradigmas

Nas últimas décadas, as sociedades passaram por grandes mudanças advindas dos avanços tecnológicos. Atualmente, vivemos em um mundo em que o meio virtual está constantemente presente em nossas vidas, ou seja, uma realidade baseada na cultura digital. Machado, em sua tese “Conecto-me; logo, existo” (2019), define a cultura digital como um modo de vida marcado pelo domínio da comunicação e informação pela tecnologia digital, envolvendo a interação e interconexão entre pessoas, informações e máquinas. Interação essa que se baseia na utilização cada vez mais ampla de aparelhos tecnológicos, como propõe Machado (2019). Sendo assim, esse novo panorama é marcado pela popularização de redes sociais e pela instantaneidade. Nesse sentido, ao tratar dos hábitos de leitura nesse cenário

atual, é essencial compreender as mudanças ocorridas com o advento das tecnologias, como o mercado se configura neste novo espaço e a relação entre os jovens e as telas.

2.1. Mudanças e disseminações

No livro *Homo Zappiens: Educando na Era Digital* (2009), Wim Veen e Ben Vrakking afirmam que uma das características mais marcantes do ser humano é a sua capacidade de utilizar ferramentas para “quase tudo, inclusive para a comunicação” (p. 20). Nesse sentido, os livros surgiram a partir da necessidade de transmitir conhecimento de forma mais rápida e para um público mais amplo, sem a necessidade de deslocar-se como pondera o educador. Segundo os autores, a humanidade sempre necessitou de diferentes mídias para sustentar o crescente volume de informações que produz, da mesma forma como a fala e a escrita foram desenvolvidas com o propósito de transmitir descobertas e preservá-las ao longo do tempo. Desde então foram desenvolvidos telefones, rádios, televisão, etc. e por consequência, até mesmo nosso círculo de amigos cresceu como propõe Veen e Vrakking (2009).

Para Machado (2019), a partir do final do século XX, o mundo vem sofrendo mudanças profundas e aceleradas, impulsionadas especialmente pelos avanços tecnológicos. A autora aponta que “a convergência midiática, a velocidade tecnológica, a simultaneidade e a forte presença das imagens constituem elementos presentes de forma marcante em nosso atual momento histórico” (Machado, 2019, p. 23). Dessa forma, as tecnologias digitais e as ligações em rede têm ultrapassado as fronteiras que delimitavam o real e o virtual, alterando nossa percepção da realidade. Consequentemente, os sentidos de nossa existência são multiplicados, gerando novas formas de pertencer e interagir. Assim, as relações sociais e a relação espaço-temporal vão sendo ressignificadas pelos impactos da conectividade instantânea, como pondera Machado (2019).

As novas tecnologias, apesar de serem recebidas, a priori com desconfiança, gradualmente passam a integrar o cotidiano das pessoas, tornando-se elementos indispensáveis da rotina como destacam Veen e Vrakking (2009). Os autores apontam que, atualmente, já não parece possível viver sem um telefone, por exemplo. Visto que, sem esse aparelho, o contato com entes e amigos seriam perdidos, além de dificultar outras atividades cotidianas, como a verificação de transações bancárias. Em outras palavras, embora a princípio as novas tecnologias despertem receios, com o tempo elas deixam de ser ferramentas dispensáveis e passam a ser uma extensão fundamental das atividades humanas.

Nessa direção, Jonathan Haidt em seu livro *Geração ansiosa* (2024) destaca que “na virada do milênio, empresas de tecnologia instaladas na Costa Oeste dos Estados Unidos desenvolveram um conjunto de produtos revolucionários que tiraram partido do rápido crescimento da internet” (Haidt, 2024, p. 11). Segundo o autor, a indústria tecnológica estava transformando não apenas a vida dos adultos, mas também a dos jovens. Ele pondera que as crianças e adolescentes já assistiam bastante televisão desde a década de 50, porém as novas tecnologias se mostraram mais portáteis e atrativas do que qualquer aparelho tecnológico anterior, trazendo mudanças inclusive na vida dos pais que “ficaram aliviados ao perceber que um smartphone ou tablet podia manter a criança entretida, feliz e quietinha ao longo de horas” (Haidt, 2024, p. 11). Isso reforça como a ascensão tecnológica começou a ocupar um espaço central também no lazer infantil substituindo brincadeiras lúdicas por interações mediadas por telas.

Além do mais, Veen e Vrakking (2009) destacam que o mundo contemporâneo é marcado pela acentuada dependência da tecnologia da comunicação, e que isso só ocorre devido aos recursos que temos, pois “não poderíamos sequer chegar perto de tal velocidade ou ter tanta informação se não dispuséssemos do que dispomos” (p. 21). Essa nova realidade cria uma nova forma de marginalização em que indivíduos e empresas que não dominam as ferramentas tecnológicas são vistos respectivamente “como alguém que ficou pra trás” e com “valor mais baixo” no mercado (Veen e Vrakking, 2009, p. 21). Assim, fica evidente que, em nossa sociedade atual, a tecnologia tem dominado as dinâmicas sociais de tal maneira que a habilidade de manusear aparelhos tecnológicos tornou-se um novo critério de valorização social.

2.2. Consumo e conectividade

Segundo Veen e Vrakking (2009), a maior parte da receita dos canais televisivos provém de anúncios publicitários, pois as empresas sabem que a televisão possui grande audiência. A televisão por sua vez aumentou a densidade de conteúdos, como as informações em programas de notícias, para assim gerar mais espectadores, assumindo uma relevância maior que o jornal impresso. Nesse sentido, é possível notar que há uma relação direta entre a ascensão das tecnologias comunicativas e as formas de consumo por parte dos indivíduos.

Nessa direção, baseando-se nos estudos de Bauman, Machado (2019) afirma que vivemos em uma sociedade de capitalistas ocidentais fundamentadas no consumismo. Nesse sentido, para falar de letramento literário e mundo digital, a partir da perspectiva dos estudos

culturais, a pesquisadora utiliza alguns dos aspectos presentes nos conceitos tratados por Zygmunt Bauman. Dessa forma, a autora afirma que,

Os jovens leitores contemporâneos crescem inseridos numa cultura digital, convivendo com os mais diversos paradoxos que permeiam as sociedades de consumidores contemporâneas (BAUMAN, 2007). Com efeito, desde muito cedo, eles estão cada vez mais familiarizados com o mundo on-line e desenvolvem, a cada dia, novas estratégias para participarem desse mundo. (Machado, 2019, p. 24)

Nessa perspectiva, a tecnologia permitiu, e não apenas aos jovens, ter acesso a informações globalizadas, interações e organizações de respostas coletivas, contribuindo para a construção dos jovens sujeitos. Assim, inseridos na cultura digital, os jovens consomem, produzem, modificam e compartilham conteúdos. Dessa forma, a internet não alterou apenas o que se aprende, mas como se aprende, conforme aponta Machado (2019).

Além do mais, Machado (2019) argumenta que, “no livro *Vida para consumo*, Bauman (2007) mostra que o mercado se configura como um espaço social nas sociedades de consumidores, que funcionam segundo seu padrão” (p. 24). Sendo assim, o mercado busca oferecer produtos cada vez mais velozes, não permitindo espaço para o que é sólido. Dessa forma, a autora pontua que, para Bauman (1999), nesse modelo de sociedade, nenhum compromisso deve ser assumido de maneira inflexível, como na máxima “até que a morte nos separe”. Afinal, “nenhuma necessidade deveria ser vista como inteiramente satisfeita, nenhum desejo como o último, pois o que realmente importaria seriam a volatilidade e a temporalidade interna de cada compromisso, mais do que o próprio compromisso” (Machado, 2019, p. 24).

Sendo assim, para Machado (2019), os avanços tecnológicos ativam, renovam e ampliam as engrenagens das sociedades de consumidores contribuindo para uma compressão do espaço-tempo, pois cria-se uma lógica de satisfação imediata, em que tudo resolve-se “aqui e agora num abrir e fechar de olhos, num passar o dedo sobre a tela” (p. 24). Em outras palavras, a nossa relação com o tempo, hodiernamente, funciona de uma forma diferente, pois nossas necessidades são supridas na velocidade de um “click”. Nesse contexto, a cultura social está mais voltada para o esquecimento do que para o aprendizado. Assim, o modelo de bom consumidor, conforme Machado (2019) explica, é o “‘aventureiro amante da diversão’, sujeitos ‘impacientes, impetuosos, indóceis, e acima de tudo, facilmente instigáveis’ e da mesma forma facilmente perdem o interesse (BAUMAN, 1999, p. 90)” (Machado, 2019, p. 24-25)

2.3. Conexão e dependência

A nova configuração da realidade, fomentada pelas tecnologias digitais e o dinamismo atual do mercado, impactam diretamente a relação dos jovens com as telas. Hoje, smartphones e computadores oferecem entretenimento instantâneo, variado e fragmentado, muitas vezes em formato de curta duração, como os *reels* do Instagram e os vídeos curtos do tiktok e do youtube. Esse padrão está em perfeita sintonia com o mercado de consumidores descrito por Bauman, pois essa lógica de consumo reforça o que o autor propõe ao observar que,

Na hierarquia herdada de valores reconhecidos, a síndrome consumista degradou a duração e elevou a efemeridade. Ela ergue o valor da novidade acima do valor da permanência. Reduziu drasticamente o espaço de tempo que separa não apenas a vontade de sua realização [...], mas o momento de nascimento da vontade do momento de sua morte. (Bauman, 2007, p. 111)

Dessa forma, movidas pela necessidade de satisfação imediata, mas também passageira, as juventudes se mostram cada vez mais imersas no mundo virtual, buscando sempre o novo, mas sem aprofundar-se nos conteúdos ou nas experiências. Quanto mais tempo expostos às telas, mais essa dinâmica se fortalece. Nesse sentido, compreender o panorama atual sobre a relação entre as juventudes e o mundo digital requer identificar, de forma precisa, quanto tempo esses indivíduos permanecem em ambientes digitais. Em seu livro *A Fábrica de Cretinos Digitais*, Desmurget (2021) apresenta dados relevantes acerca do tempo de tela em diferentes faixas etárias. A princípio o autor deixa claro que “identificar as modalidades de utilização digital de qualquer população não é um exercício fácil” (2021, p. 31), especialmente porque há muitas variáveis que os estudos não consideram. Entretanto, ele ressalta que “não obstante, seria aberrante rejeitar em bloco o conjunto desses estudos. De fato, ainda que eles não sejam perfeitos ou impecáveis, eles têm poucas chances de serem absurdos” (p. 32). Deixando claras essas ressalvas, o autor afirma que,

Na adolescência, que situaremos aqui entre 13 e 18 anos, o tempo diante das telas ainda aumenta sensivelmente, em especial sob o efeito da generalização dos smartphones. O consumo digital diário atinge então 7h22. Será necessário precisar a que ponto esse número se revela estratosférico? Ele equivale a 30% do dia e 45% do tempo normal de vigília. (Desmurget, 2021, p. 39)

Conforme Desmurget (2021) deixa evidente, o tempo de adolescentes e jovens diante das telas atinge níveis alarmantes, especialmente devido a popularização dos aparelhos de

celular. Além do mais, em apenas um ano, o tempo dedicado às telas pode equivaler à carga horária total das principais disciplinas escolares ao longo de toda a educação básica, conforme propõe Desmurget (2021). Essa comparação deixa em evidência que com o advento da tecnologia, há uma inversão daquilo que é considerado prioritário no desenvolvimento dos sujeitos. Nesse sentido, ele aborda que,

Ayoub, um jovem aluno do segundo ciclo do ensino fundamental, é um desses e, entrevistado por um jornal importante de circulação nacional, explicava que “para mim, se encurtassem meus dias de aula, eu aproveitaria para jogar mais Playstation, ou para assistir à televisão”. É o tipo de projeto que só tem ganhadores: Ayoub se diverte, a Sony enche os bolsos e o Ministério da Educação faz economias (menos horas de aula, menos professores remunerados). (Desmurget, 2021, p. 39)

Assim, Desmurget exemplifica aquilo que já destacava: em um mundo cada vez mais hiperconectado, ocorre uma valorização do lazer digital em detrimento da educação. De forma irônica ele ainda afirma “pobres jovens mártires privilegiados de nossas sociedades de opulência, esmagados pelo trabalho e privados de lazer” (Desmurget, 2021, p. 39), realçando a visão distorcida dos próprios jovens sobre o papel da escola, vista não como um espaço relevante para seu desenvolvimento, mas um obstáculo para passar ainda mais horas em frente às telas.

Para Haidt (2024), com a popularização do acesso à internet, houve um aumento significativo do tempo que as pessoas, especialmente as crianças, passaram conectadas. Paralelamente, ele afirma que houve uma redução no tempo dedicado à televisão com o advento dos smartphones, mas isso não implicou necessariamente em uma diminuição do tempo total de tela, na verdade, ocorreu o inverso. Antes dos celulares, crianças e adolescentes tinham um tempo de exposição limitado devido às restrições da própria televisão, que era limitada pelo ambiente em que encontrava-se e pela programação mais simplista. No entanto, segundo Haidt (2024), com o desenvolvimento cada vez mais rápido de aparelhos portáteis, mais de 70% dos adolescentes passaram a possuir um celular, que se mostra muito mais eficiente em captar a atenção dos usuários.

Vale destacar que as pesquisas de Haidt e Desmurget refletem, sobretudo, a realidade dos Estados Unidos. Entretanto, no Brasil, o cenário atual não está distante do panorama apresentado por eles, como se observa na tese “Conecto-me; logo, existo”, em que Machado também evidencia o uso excessivo de dispositivos digitais. A autora realizou uma pesquisa

em dois centros de ensino de Porto Alegre com o objetivo de compreender as práticas de leitura e a cultura digital entre os jovens. A partir da coleta de dados de ambas instituições, Machado afirma que

É significativamente elevado o tempo de uso: 48,9% declararam ficar conectados por mais de 6 horas por dia- em alguns casos de 12 a 14 horas por dia -, acrescidos de 15% que ficam conectados de 2 a 6 horas por dia, assistindo filmes, seriados e vídeos, jogando, escutando música, mas principalmente, visualizando e compartilhando conteúdos nas redes sociais (Machado, 2019, p. 75)

Torna-se evidente que o tempo de tela entre jovens brasileiros alcança níveis significativos. Ao considerar que grande parte desse tempo é dedicada à visualização e ao compartilhamento de conteúdos nas redes sociais, percebe-se com clareza o padrão social descrito por Bauman: uma dinâmica fundamentada pelo consumo rápido e superficial da informação. Nesse sentido, esse cenário, não apenas molda a relação dos jovens com o tempo livre, como também impacta nos seus modos de atenção e de construção de sentido. Tal dinâmica também implica na relação entre jovens e literatura como será discutido no tópico seguinte.

3. Hábitos de leitura no mundo hiperconectado

Conforme discutido anteriormente, os avanços tecnológicos, articulados à lógica de sociedade de capitalistas ocidentais fundamentadas no consumismo, vêm redefinindo os padrões culturais, consolidando um modelo social pautado pelo consumo imediato e efêmero. Nesse contexto, surge uma questão central: qual é o lugar da leitura literária na vida dos sujeitos constituintes da cultura digital? Considerando que grande parte do tempo hoje é dedicada à atividades virtuais, cabe investigar se isso impacta nas práticas literárias, as consequências desse impacto e se o ambiente digital ainda pode constituir-se como um espaço legítimo para o contato com textos literários. Dessa forma, este tópico propõe-se a examinar os hábitos de leitura no mundo contemporâneo, as consequências do uso constante de telas em detrimento da leitura e a literatura digital.

3.1. Leitura em declínio: dados e determinantes

Em 2024 o instituto Pró Livro (IPL) lançou a sexta edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* que tem como finalidade entender o comportamento dos leitores brasileiros,

gerando assim, dados acerca de seus hábitos, preferências, suportes e formação de leitores. Para isto, foram entrevistadas 5.504 pessoas, alfabetizadas ou não, em 208 municípios. A pesquisa é de abrangência nacional e tem como público alvo a população brasileira, com 5 anos ou mais.

Para a realização da pesquisa, o conceito de leitor utilizado como referência é aquele que leu, inteiro ou parcialmente, pelo menos um livro físico ou digital de qualquer gênero, nos últimos 3 meses. Enquanto os não leitores são aqueles que declararam não ter lido nenhum livro, ou parte de um livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenham lido nos últimos 12 meses. Essa definição mantém-se desde a edição de 2007 do levantamento.

Dessa forma, a pesquisa apresenta que, em relação às duas últimas edições do levantamento, realizadas em 2015 e 2019, houve uma queda do número de leitores. De 56% em 2015, passou para 52% em 2019 e atingiu 47% em 2024, indicando que menos da metade da população leu um livro inteiro ou parcialmente nos últimos três meses. Ao analisar os dados de “penetração de leitura de livros nos últimos 3 meses” que distinguem entre leitura completa ou parcial, o cenário é ainda mais preocupante. O percentual de leitores que afirmam ter lido um livro inteiro cai para 27%.

É importante enfatizar que o declínio dos hábitos de leitura atinge praticamente todos os perfis de escolaridade, gênero, e idade com exceção de apenas dois grupos: a faixa etária de 11 a 13 anos, cuja taxa de leitores mantém-se em 81% e a faixa etária de 70 anos ou mais, em que a porcentagem de leitores aumentou de 26% para 32%. Em relação à classificação por classe e renda familiar, constata-se que também houve uma queda na maioria dos segmentos, com apenas uma exceção: o grupo que recebe entre cinco a dez salários mínimos, no qual os índices revelam um aumento do número de leitores de 57% para 63%. Em outras palavras, observa-se que está ocorrendo um declínio generalizado dos hábitos de leitura que abrange todos os grupos sociais, independente de escolaridade, idade e renda.

Moro, Souto e Estabel (2023) afirmam que o desinteresse dos brasileiros pela leitura é proveniente da colonização portuguesa que não favoreceu o desenvolvimento cultural nas colônias. Nesse sentido, a leitura sempre esteve longe de ocupar um espaço primordial na vida das pessoas. Conforme destaca Reimão, em seu livro *Mercado editorial brasileiro* (2018, p. 5), “a indústria cultural no Brasil veio a se desenvolver em termos quantitativos realmente significativos apenas na década de 1960”. Mas, mesmo com esse avanço, o que se observa é que a prática de ler ainda não aponta índices elevados. A autora pondera que “o índice

brasileiro de livros por habitante ao ano está longe do índice dos Estados Unidos, que é algo em torno de dez livros por habitante, mas não é dos piores do planeta” (Reimão, 2018, p 40).

Em contrapartida, os dados levantados pelo Instituto Pró-Livro apontam que, no tempo livre, 78% dos entrevistados afirmaram utilizar a internet, 71% usam o whatsapp ou telegram e 60% assistem televisão. Outras atividades virtuais também ganham destaque como principal recreação nos momentos de lazer. Assim, apenas menos da metade dos entrevistados escreve (41%), pratica atividades físicas (25%) ou lê livros (20%). Mesmo dentre os leitores, apenas 37% utilizam do tempo livre para ler um livro físico ou digital. Entre os não leitores a porcentagem cai para 6%.

Nesse contexto, fica evidente que as tecnologias digitais podem ser um fator para o baixo consumo de livros, visto que o tempo livre dos brasileiros é ocupado majoritariamente por telas. Sendo assim, os dados reafirmam o que Regina Zilberman já havia apontado em seu livro *A leitura e o ensino de literatura* (1988). De acordo com a autora, o consumo de literatura no Brasil sempre foi baixo, podendo ter como fatores determinantes para isso, o analfabetismo, o baixo poder aquisitivo, além da influência cada vez maior dos meios audiovisuais de comunicação de massa. Assim, conforme destaca Zilberman (1988, p. 9),

Há, além disso, a tarefa de enfrentar a concorrência dos meios de comunicação de massa que, mais competentes e melhor instrumentalizados, capturaram uma audiência jamais alcançada, nem mesmo em valores relativos, pela literatura ou qualquer outro material dependente da transmissão pela escrita.

Dessa forma, Zilberman evidencia que as mídias sempre exerceram forte atração sobre a população, preenchendo um espaço que jamais foi preenchido pelas práticas literárias. A televisão, especialmente, sempre ocupou um espaço central da cultura, como também observa Reimão ao afirmar que “A televisão é o meio de comunicação mais influente no Brasil e é em torno dela que gira a indústria cultural” (p. 32).

Além do mais, Zilberman (1988) propõe que houve uma transição da dominação da cultura oral para a dominação dos meios eletrônicos sem passar pelos fenômenos de ampla escolarização, organização do público leitor e promoção do letramento literário. Dessa forma, a autora afirma que “o campo da leitura apresenta-se, simultânea e surpreendentemente, não ocupado e já devastado” (Zilberman, 1988, p. 09), ou seja, o letramento literário continua sendo negligenciado e marginalizado no âmbito cultural brasileiro.

3.2. Do livro à tela: consequências deste novo quadro

A partir desse novo cenário já exposto, pesquisadores como Wolf e Haidt apresentam sérias preocupações a respeito dos impactos negativos que o grau de dependência e de envolvimento dos jovens com os ambientes digitais podem causar. Para Wolf (2019), “o problema é que os ambientes contemporâneos nos bombardeiam constantemente com novos estímulos sensoriais, à medida que dispersamos a atenção por múltiplos aparelhos digitais na maior parte do dia” (Wolf, 2019, p. 89). Segundo a autora, um estudo recente da corporação Time Inc. indicava que as pessoas na faixa dos 20 anos mudam de fonte de mídia 27 vezes por hora e checam o celular entre 150 a 190 vezes por dia. Assim, Wolf (2019) conclui que somos continuamente distraídos pelo nosso ambiente e assim, não vemos ou ouvimos com a mesma qualidade de atenção, pois vemos e ouvimos demais, nos acostumamos e pedimos mais.

Haidt (2024) corrobora essa ideia, ao afirmar que um dos prejuízos do excesso de telas é a atenção fragmentada. Segundo o autor, manter o curso da atenção tornou-se difícil com a chegada da internet e grande parte da leitura foi transferida para ela. Assim, cada hiperlink é uma saída, impulsionando-nos a abandonar a escolha que fizemos e partir para a próxima. Nesse sentido, torna-se uma missão quase impossível fazer uma leitura pelo tablet, por exemplo, pois as notificações e propagandas presentes no próprio aplicativo de leitura, podem nos levar a abandonar a leitura e realizar outra atividade virtual. Esse novo padrão afeta especialmente adolescentes, como destaca Haidt (2024), pois se para um adulto já é difícil manter a concentração em meio a tantos estímulos, para aqueles que o córtex pré frontal está ainda em desenvolvimento, será ainda mais difícil.

Para Wolf (2019) uma das consequências inevitáveis do excesso de estímulos é a hiperatenção que caracteriza-se como um fenômeno provocado pela mudança rápida de tarefa, altos níveis de estimulação e baixa tolerância ao tédio. Assim, como propõe a pesquisadora, quanto mais constante for a estimulação digital, mais comum será o aborrecimento e o tédio. Nesse sentido, ela afirma que,

Desde o minuto em que acordamos pelo alarme de um aparelho digital, passando pelos controles que fazemos a cada quinze minutos ou menos em inúmeros dispositivos durante o dia, até os últimos minutos antes de deitar, quando realizamos nossa última varredura “virtuosa” do e-mail para nos prepararmos para o dia seguinte, habitamos um mundo de distração (Wolf, 2019, p. 90)

Wolf (2019) deixa claro que a constante estimulação digital é presente em grande parte do nosso dia, até mesmo antes de dormir. A autora destaca que, nessa nova rotina, “não há nem tempo, nem incentivo para um olhar calmo” (p. 90), deixando evidente as mudanças ocorridas em nossa vida pelos avanços tecnológicos. Ela também afirma que essas mudanças causadas pelo mundo digital impactaram, na última década, o quanto lemos, como lemos e o que lemos e porque lemos. Essa afirmação ganha mais força ao olharmos para os dados levantados pela pesquisa retratos da leitura no Brasil que também apontam para uma diminuição da média de livros lidos pelos brasileiros. Mesmo entre os classificados como leitores há uma queda de 5,04 livros lidos para 4,36.

Nessa direção, Maryanne Wolf (2019) argumenta que atualmente ficamos tão inundados por informações que uma pessoa comum lê em um dia o mesmo tanto de palavras que pode ser encontrado em um livro de romance, entretanto, é incomum que essa leitura seja contínua e concentrada. Além do mais, a autora manifesta preocupação no sentido de que a informação possa ter se tornado uma forma de entretenimento e não instrumento para o pensamento crítico. Ela destaca que “o professor de literatura Mark Edmundson escreveu extensamente sobre os efeitos de seus alunos conceberem a informação como um modo de serem entretidos” e ressalta que

Edmundo se preocupa porque está havendo uma diminuição do desejo de nossos jovens em fazer esse esforço, particularmente quando a alternativa é serem entretidos de maneira passiva, usando superficialmente suas capacidades cognitivas. (Wolf, 2019, p. 92)

Nesse sentido, Wolf afirma que essa preocupação está entrelaçada às mesmas ideias trazidas pelos estudos dos circuitos da leitura que deixam claro que uma vez vista como forma de entretenimento, a informação permanece na superfície, impedindo o pensamento aprofundando. Dessa forma, mesmo que os dados apontem para um consumo alto de informação gerados por redes sociais e afins, não há desenvolvimento do pensamento complexo pela absorção dessas atividades, como pode ocorrer na leitura profunda e crítica. Em retomada a primeira unidade, Wolf (2019), aponta que a leitura é fundamental para o desenvolvimento do pensamento complexo. Nesse sentido, a autora afirma que “a última coisa de que uma sociedade precisa é aquilo que Sócrates temia: jovens pensando que sabem a verdade, antes mesmo de se iniciarem na dura prática de procurar por ela” (Wolf, 2019, p. 93),

ou seja, a falta do hábito de leitura promove a ignorância entre os jovens que acreditam ter um conhecimento que ainda não foi adquirido, pois falta o letramento literário

Além do mais, Maryanne Wolf, em sua primeira carta da obra *O cérebro no mundo digital*, nos convida a olharmos para nossos próprios hábitos de leitura e como nossa atenção mudou à medida que lemos mais em telas e em recursos digitais. A leitura que antes era um espaço de conforto, vai tornando-se um espaço de aflições. E essa dificuldade é ainda maior entre as crianças, que, por já crescerem em um mundo hiperconectado, estão constantemente distraídas, devido ao excesso de estímulos digitais. Neste sentido, as práticas literárias vão perdendo o seu espaço e com isso, os seus valores também.

Wolf (2024) demonstra também grandes preocupações acerca deste novo cenário, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de empatia gerado pela leitura profunda. Segundo a autora, muitas coisas serão perdidas se abirmos mão da paciência cognitiva de adentrar no mundo literário na vida e sentimentos que estão nele. Afinal, por mais que as obras cinematográficas possam fazer algo neste sentido, há uma grande diferença na qualidade de imersão quando tratam-se de livros, em que entramos nos pensamentos articulados de outra pessoa. Assim, diante do cenário atual, Wolf levanta o seguinte questionamento: “O que acontecerá com os jovens leitores que nunca encontram e entendem os pensamentos e sentimentos de alguém diferente?” (Wolf, 2019, p. 61). Segundo a autora, este novo quadro é a “receita certa para ignorância, medo e incompreensão inconscientes, capazes de levar a formas belicosas de intolerância” (Wolf, 2019, p. 61).

3.3. Leitura digital: novas possibilidades de acesso e interação

Diante do exposto, é evidente que os avanços tecnológicos impactam nos hábitos de leitura. Entretanto, ao abordar a temática de leitura e ambiente digital surge um questionamento: mesmo que as tecnologias estejam associadas à diminuição da leitura tradicional, não poderiam elas também representar um espaço de novas oportunidades para a leitura literária?

Para Souza e Schlindwein (2018), em “Os desafios da formação do leitor contemporâneo e a literatura digital”, o que se observa atualmente é que adolescentes têm lido cada vez mais através de suportes digitais, até mesmo leituras literárias. Para eles, é muito comum ouvir em intervalos escolares, alunos comentando sobre terem lido ou estarem lendo determinadas obras por meio do celular. Nesse sentido, os autores citam uma experiência realizada com alunos de séries finais do fundamental em uma instituição no Rio Grande do

Sul, em que uma professora buscava entender o comportamento leitor dos alunos. Dessa forma, ela realizou uma pesquisa com 20 alunos em que, ao perguntar sobre sobre leitura digital, apenas três afirmaram nunca ter lido um livro em versão eletrônica. Dos 17 que leram, apenas 3 demonstraram não gostar da experiência, o que demonstra que a leitura digital tem grande adesão entre os jovens.

Nesse sentido, fica evidente que a leitura ainda permanece na vida dos jovens, embora seja uma forma alternativa de realizar a leitura. Seguindo nessa direção, Souza e Schlindwein afirmam que essa forma de ler nem sempre é vista de maneira positiva. Afinal, muitos estudiosos, de fato, mantêm uma postura crítica em relação à leitura digital devido à “‘liberdade’ que a literatura digital permite ao leitor, acabam taxando-a apenas de entretenimento” (Souza e Schlindwein, 2018, p. 87). Isso fica evidente, ao retomar ao subtópico anterior, em que Haidt aponta que na leitura digital cada hiperlink estimula acessar um novo conteúdo, interrompendo o fluxo de leitura. No entanto, Souza e Schlindwein (2018) destacam que “a literatura na tela tem se apresentado como um caminho fecundo para a formação do leitor contemporâneo” (p. 86). Pois os recursos multimodais ajudam na significação do texto e na ampliação das diferentes práticas literárias. Dessa forma os autores propõem que:

Vale frisar que, diferentemente do que pensam alguns autores da literatura tradicional impressa, a literatura digital contribui bastante para a formação do leitor. Apesar do aspecto lúdico desse tipo de literatura, apresentando som, imagens estáticas ou em movimento e links, o leitor tem todo um trabalho de construção/interpretação do texto, pois precisa extrair dele sentidos possíveis, com a diferença de que a leitura pode ser mais agradável/envolvente ao se clicar em um ícone de som que acompanha o texto, por exemplo, conjugando o texto e a música. (Souza e Schlindwein, 2018, p. 88)

Nesse sentido, os autores deixam evidente que, mesmo com as múltiplas esferas na leitura digital, todas colaboram na construção do significado. Além do mais, os autores defendem a qualidade da literatura na tela ao afirmar que ela não é fácil de ser produzida. Isso porque, segundo Souza e Schlindwein (2018), o autor precisa ter domínio da escrita tradicional, mas também das novas tecnologias de informação e comunicação, além de precisar pensar em um projeto criativo para conseguir deixar o texto atrativo através das semioses que podem ser agrupadas. Além do mais, é necessário não “deixar a desejar no

aspecto literário” (Souza e Schlindwein, 2018, p. 89). Assim, o texto na tela pode gerar no leitor a mesma emoção que ele tem ao ler um livro físico.

Além do mais, os autores apontam que a leitura precisa ser estimulada, diante dos índices que apontam um menor hábito de leitura e a leitura digital pode ser um caminho possível para isto, já que é bem aceita entre os jovens. Dessa forma, eles afirmam que a leitura em tela coloca-se “não como uma alternativa melhor, mas como uma possibilidade de ampliação do hábito de leitura por parte do aluno e de formação do leitor literário” (p. 86). Afinal o professor pode aproveitar do gosto que os estudantes têm pelas mídias digitais para instigá-los a leitura de obras literárias como propõe os autores. Nessa direção, os autores também deixam evidente que a leitura digital é uma forma de democratizar o acesso à literatura visto que com a diminuição de custo de celulares e tablets, o aluno tem a possibilidade de ler em diferentes lugares e os mais diversos textos. Sendo assim, cabe ao professor direcioná-los para que eles utilizem esses dispositivos como instrumento de práticas literárias.

Souza e Schlindwein afirmam que a pesquisa realizada por eles tem como objetivo defender a leitura eletrônica, com sua dinamicidade e semiose, mas sem perder a característica mais importante do ato de ler: a fruição literária. Para eles, “o leitor precisa captar através da tela a emoção e todos os sentidos possíveis que o texto apresenta” (Souza e Schlindwein, 2018, p. 90). Afinal, um dos pontos principais defendidos pelos autores é a construção de um leitor ativo.

Com base nesses pressupostos, os autores realizaram um estudo com alunos do 9º ano de uma escola pública baiana, explorando as possibilidades de leitura por meio do gênero hiperconto, “uma produção que tem despertado interesse devido a toda a dinamicidade que ela possui e ao seu caráter híbrido e multissemiótico” (p. 86). Souza e Schlindwein reforçam que o hiperconto consegue capturar uma atenção maior por agregar várias semioses como imagens, sons e links, fazendo com que o leitor permaneça mais tempo na tela do que se fosse um livro, assim eles evidenciam que essa leitura poderá ser como uma porta de entrada para a leitura literária, ao afirmar que

Com a leitura de hipercontos, que não deixa de ser um texto literário, já que é uma nova forma no ambiente digital do conto tradicional, é bem provável que o aluno se interesse por ler cada vez mais, não apenas na tela, mas também no suporte impresso, conforme aponta Spalding (2012) (Souza e Schlindwein, 2018, p. 86)

Nesse sentido, o hiperconto é uma nova concepção de conto em que mantém-se as principais características do conto como narratividade, intensidade e tensão, mas que apresenta-se de forma hipermodal e por isso seu suporte é o digital. Assim, o hiperconto possui elementos do conto tradicional como o tamanho curto, a quantidade pequena de personagens e foco em apenas uma história com um clímax. No entanto, ele agrega em si imagens em movimento, várias cores, links e sonoridade. Os links em específico são deixados pelo autor em partes do texto para o leitor ir clicando e assim escolhendo o rumo da história. De acordo com os autores essa característica encanta, “pois quem está lendo se sente importante na construção da tessitura textual, diferentemente do que ocorre no conto impresso” (Souza e Schlindwein, 2018, p. 91).

Partindo para a pesquisa em campo, Souza e Schlindwein perceberam que havia uma falta de prática de leitura dos materiais didáticos e de obras impressas. Os alunos não costumavam levar livros para a escola e quando solicitado que lessem em sala, eles demonstraram grande resistência. Segundo Souza e Schlindwein, “Em conversas informais sobre suas leituras em casa, eles revelaram não ler livros, salvo raras exceções” (2018, p. 93). Por outro lado, era comum o uso constante de celulares, o que deixou “evidente uma contradição da parte deles quanto a essa fala, pois ler era o que eles mais faziam em seus celulares” (p. 93).

Dessa forma, percebendo o interesse dos estudantes por tecnologia, os autores perceberam que era necessário pensar em uma proposta literária que partisse dos aparelhos digitais. Assim, foram escolhidos dois hipercontos e apresentados aos alunos em duas aulas, através de um data show. O primeiro conto apresentado foi “Um tiro para a liberdade”, que tem uma estrutura mais simples, enquanto o segundo conto, chamado “Um estudo em vermelho” tem uma estrutura mais elaborada, possibilitando o aluno participar como personagem da história. Além do mais, os autores ponderam que essa prática não foi limitada há duas aulas, na verdade os alunos exploraram outros sites de hipercontos sob indicação do professor e também foram organizados em trios para a produção textual do gênero hiperconto.

Assim, os autores perceberam que a proposta foi bem efetivada, pois ficou evidente que o projeto instigou os alunos a lerem mais textos literários, “tendo em vista que o hiperconto, por ser uma nova versão do conto tradicional para a era digital, é um gênero literário.” (Souza e Schlindwein, 2018, p. 100). Eles afirmam que em discussões em sala, grande parte dos alunos revelaram que não se contentaram com o fim da história dos hipercontos e acabavam reiniciando a leitura e tecendo novos rumos para a história. Essa

prática, para Souza e Schlindwein (2018), amplia os hábitos de leitura e exercita o processo de construção do texto. Além do mais, muitos alunos leram todos os hipercontos dos sites indicados em sala de aula, o que reafirma a ideia proposta por Souza e Schlindwein de que a literatura digital é uma forma de letramento literário que traz resultados positivos.

Nesse sentido, conclui-se que a literatura digital, mesmo com suas diversas ressalvas, ainda pode ser um meio para introduzir o aluno no mundo literário. Como afirmam Souza e Schlindwein (2018), a leitura através de telas não é necessariamente uma forma melhor para o letramento literário, pois é mais do que claro que a exposição excessiva a telas traz diversas consequências negativas, como aponta Haidt. Entretanto, para os autores, pode ser um caminho possível para motivar os alunos a lerem. Afinal, o celular, além de ser um suporte acessível, tem maior adesão das juventudes. Dessa forma, a utilização de hipercontos dentro do contexto escolar pode funcionar como uma porta de entrada no mundo da literatura, instigando os alunos a lerem cada vez mais, inclusive os livros impressos. Motivação essa que é fundamental especialmente diante do quadro apontado pelo Instituto Pró Livro que deixa evidente o enfraquecimento dos hábitos de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, nosso objetivo principal foi compreender como o comportamento leitor se manifesta na sociedade contemporânea, particularmente em um contexto social dominado pelas tecnologias digitais. A escolha do tema surgiu a partir de inquietações vivenciadas no ambiente escolar e também acadêmico. Nos estágios obrigatórios, em instituições de ensino básico, pude observar que maior parte dos alunos apresentam dificuldades de concentração, assimilação de conteúdos e de participação ativa na construção de aprendizados. Ler um livro, especialmente, é quase uma tarefa hercúlea para eles. No meio acadêmico percebi que a realidade não era muito diferente da escolar, o que causou-me ainda mais preocupação e interesse em investigar as possíveis causas para esse cenário. Dessa forma, ao deduzir que o uso excessivo de telas poderia ser um fator determinante para esse panorama atual, realizei leituras, observações críticas e pesquisas que culminaram neste trabalho.

Nesse sentido, buscamos, antes de tudo, explicar porque a literatura é tão substancial na formação do sujeito leitor, pois não é possível falar sobre práticas literárias, sem antes reafirmar o valor da literatura, sobretudo no mundo hodierno, com a ascensão de discursos tecnicistas e pragmáticos que surgem em redes sociais que desvalidam a arte, a filosofia e literatura. Desse modo, discutimos aqui a importância da literatura para a formação do indivíduo e observamos, a priori, que ela é fundamental para o desenvolvimento interpretativo, nos mostrando que ler não é apenas decodificar palavras, mas fazer um verdadeiro exercício mental para entender a mensagem que o autor quer passar e somar-lá aos aprendizados que já carregamos conosco. Assim, desenvolvemos também nossa capacidade de analisar a informação e refletir sobre ela, ato essencial para a formação de um indivíduo mais crítico. Afinal, como propõe Wolf (2019), a literatura também é um espaço para o desenvolvimento cognitivo, contribuindo para nossas habilidades de dedução, raciocínio lógico e inferências. Além do mais, Antonio Candido defende que a literatura é uma resposta à necessidade do ser humano pela ficção, enquanto Maryanne Wolf também aborda seu valor para o desenvolvimento da empatia.

Posteriormente, foram discutidas questões relacionadas à era digital. Nesse sentido, o trabalho visou compreender como se deu a ascensão das tecnologias digitais à luz dos estudos de Veen e Vrakking. Assim, foi possível notar que o ser humano sempre necessitou de suportes para guardar a informação. Assim surgiram os livros e posteriormente outros meios

de comunicação. Meios esses que, no mundo hodierno, entram em perfeita sintonia com as engrenagens da sociedade de capitalistas ocidentais propostas por Bauman, pois os entretenimentos oferecidos pelas ferramentas digitais tem como característica a instantaneidade, colaborando para a lógica de satisfação imediata. Além do mais, discutimos a presença constante do mundo digital na vida dos jovens, através dos estudos de Haidt e Desmurget que deixam em evidência que o tempo de tela dos jovens, atualmente é altíssimo. Esse quadro fortalece as explicações trazidas por Bauman que afirma que a síndrome consumista promoveu a efemeridade. Assim, o valor da novidade está acima do valor da solidez, como se pode observar na própria configuração das redes sociais com vídeos curtos e superficiais.

Ademais, o último tópico da pesquisa propôs-se a responder a questão central do trabalho: “qual é o espaço para a prática da leitura literária em um mundo cada vez mais imediatista e conectado?”. Nesse sentido, foi possível observar, através da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, que nos últimos anos houve uma queda do consumo de livros de forma generalizada, ou seja, que atingiu a maior parte dos grupos sociais. Ao olhar para os dados da pesquisa que apontam um alto consumo de entretenimentos digitais, fica evidente que as ascensões digitais são um fator determinante para o enfraquecimento de práticas literárias que, aliás, já eram baixas conforme destaca Zilberman. Nessa perspectiva, autores como Wolf demonstram grandes preocupações para esse cenário atual, visto que uma sociedade que não lê está destinada à ignorância, ao medo e à incompreensão.

Dessa forma, como futura docente compreendo que, diante do cenário atual, é preciso ainda pensar em estratégias pedagógicas para estimular os hábitos de leitura dos adolescentes e jovens. Para Souza e Schlindwein, essas estratégias podem surgir a partir do próprio espaço digital, já que a literatura eletrônica tem maior adesão na juventude. Sendo assim, buscou-se discutir também sobre a pesquisa de campo realizada por eles em que foram utilizados dois hipercontos, gêneros textuais digitais, para a promoção do letramento literário. Nesse sentido, esse subtópico da pesquisa não teve como finalidade discutir a fundo a qualidade literária dos hipercontos, modalidade textual que possui diversas ressalvas por teóricos, mas sim entender que eles podem ser um caminho para os hábitos de leitura. Assim, espera-se que a partir da leitura de textos mais curtos e interativos, o leitor possa ser instigado a leituras cada vez maiores e mais complexas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2021.
- HAI DT, Jonathan. **A Geração Ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2024.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MACHADO, Patrícia Aparecida. **Conecto-me; logo, existo: narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2018.
- SILVA MORO, Eliane L. da; PINHEIRO SOUTO, Gabriela; BRASIL ESTABEL, Lizandra. **A influência da internet nos hábitos de leitura do adolescente**. 2023.
- SOUZA, J. B.; SCHLINDWEIN, A. F. **Os desafios da formação do leitor contemporâneo e a literatura digital**. Revista Leia Escola, Campina Grande, v. 18, n. 2, p. 83-102, nov. 2018.
- VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo zappiens: educando na era digital**. [s.l.] Grupo A - Artmed, 2000.
- WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**. [s.l.] Editora Contexto, 2019.
- ZYGMUNT BAUMAN. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.